

PROVINHA BRASIL: ASPECTOS FONOLÓGICOS DO PROGRAMA NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)

João Batista Condado de Matos
Maria de Fátima Oliveira Santos

RESUMO

Partindo do proposto de que as crianças no mesmo nível de apropriação da escrita apresentam dificuldades no processo de alfabetização e que ainda conservam erros do tipo fonológico e que, por vezes, são prejudicadas no desempenho de tarefas que envolvam a sílaba e o fonema, sentimos a necessidade de fazer uma análise do aspecto fonológico da provinha Brasil no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), com os alunos do ensino fundamental nas séries iniciais, especificamente na turma do 2º ano A do ensino fundamental de uma escola situada no município de Santa Rita-PB. Este artigo se organiza em quatro etapas. A primeira apresenta o suporte teórico que fundamenta nosso trabalho sobre alfabetização e o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC); a segunda discorre sobre a escrita no processo de alfabetização; na terceira etapa apresentamos uma análise da provinha Brasil sobre os aspectos fonológicos e as considerações finais.

Palavras chave: alfabetização, consciência fonológica, Provinha Brasil, PNAIC

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A alfabetização ainda é um grande desafio que se apresenta nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Para alguns, alfabetizar corresponde à ação de ensinar a ler e escrever. Com isso concretizado, dir-se-ia que a alfabetização fora atingido. Mas alfabetização, ao longo da história, foi tomando formas e conceitos diferentes. É cada vez mais complexo definir tal processo quer seja na escola, quer seja na vida.

A alfabetização foi considerada sempre como o ensino e o desenvolvimento de habilidades que levavam à “codificação” (ou representação da escrita de fonemas em grafemas) e “decodificação” (ou representação oral de grafemas em fonemas) de um código linguístico. A partir do final do século XIX, diferentes métodos de alfabetização surgiram e tornaram-se populares entre professores, foram eles: método sintético (silábicos ou fônicos) em contraponto com o método analítico (global), os quais foram amplamente difundidos nos livros didáticos e que, em alguns casos, perduram até os dias de hoje.

O método sintético centraliza seu ensino em ler letra por letra, ou sílaba por sílaba, e palavra por palavra, acarretando pausas na leitura, gerando cansaço e prejudicando o ritmo e a compreensão da leitura. A aprendizagem por esse método é feita através da memorização e repetição. O aprendiz é alfabetizado por regras, seguindo passo-a-passo. Além do mais, os aprendizes adquirem a ortografia perfeita (ou acredita-se nisso) por ser um ensino de regras e repetições.

No que tange ao método analítico, este se baseia na teoria do “sincretismo infantil”, fundamentado na teoria da *gestalt*. Nesse método, as crianças compreendem o sentido de um texto, não se ensina a leitura através da silabação. É um método constituído por palavração (leitura da palavra por palavra).

Observa-se, portanto, que nossas escolas estão, em sua maioria, centradas em um desses processos, estruturando todo o ensino posterior aos três primeiros anos escolares da criança e determinando todo o processo fonético/fonológico que o jovem levará em sua vida estudantil.

O escritor Graciliano Ramos, em sua obra “Infância” descreve como foi o processo de alfabetização:

Respirei, meti-me na soletração, quando por Mocinha. Gaguejei sílabas um mês. No fim da carta elas se reuniam, formavam sentenças graves, arvesadas, que me atordoavam. Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: ‘A preguiça é a chave da pobreza’ – Quem não houve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: Ter-te-ão por alguém. Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. – Mocinha, quem é Terteão?. Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem. Talvez fosse. Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. Eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções.

Após quase um século e meio, nossas escolas e os programas de governo dedicados à alfabetização não sofreram tantas modificações assim ao que tudo parece. Continua-se a ter, na alfabetização de nossas crianças, vários “Terteões”, ou seja, o aspecto fonético/fonológico não tem sido trabalhado adequadamente por nossos profissionais da área da educação.

Partindo do proposto que as crianças no mesmo nível de apropriação da escrita apresentam dificuldades no processo de alfabetização e ainda conservam erros do tipo fonológico, e acabam sendo prejudicadas no desempenho de tarefas que envolvam a sílaba e o fonema, mediante o exposto, nosso artigo se justifica no campo profissional pela necessidade de se fazer uma análise do aspecto fonológico da provinha Brasil no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) na formação e na efetivação de resultados para os alunos do ensino fundamental nas séries iniciais do primeiro ao terceiro anos. Para tanto, temos como principal objetivo investigar o papel da consciência fonológica dos alunos, a partir dos resultados apresentados na provinha Brasil do 2º ano do ensino fundamental de uma escola situada no município de Santa Rita-PB.

Através de estudos e levantamentos feitos em documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC) e tomando como referencial teórico acerca da alfabetização Ferreiro(1991), Lemle (2000) e Cagliare (2002), elaboramos uma pesquisa de caráter bibliográfico e como procedimento metodológico adotamos uma revisão de obras que discutem a temática relativa aos educandos do ensino fundamental nas séries iniciais sobre a alfabetização e aquisição dos conhecimentos fonológicos baseados em Lemle (2000), Cagliare (2002) e Câmara Jr (1997).

Este artigo se organiza em quatro etapas. A primeira apresenta o suporte teórico que fundamenta nosso trabalho sobre alfabetização e o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC); a segunda etapa discorre sobre a escrita no processo de alfabetização;

na terceira etapa apresentamos uma análise da provinha Brasil sobre os aspectos fonológicos e a quarta etapa expõe nossas considerações.

1 A ALFABETIZAÇÃO E O PNAIC

Neste contexto precário, em que se encontra o processo de ensino e aprendizagem da língua materna nos anos iniciais da escolarização, o Governo Federal lançou o PNAIC, cujo objetivo é alfabetizar todas as crianças brasileiras até os oito anos de idade, visando à erradicação do analfabetismo no Brasil.

A proposta do PNAIC surge como algo inovador frente ao que havia implementado até então. Em suas ações, foi proposto um conjunto integrado de programas, materiais e referências curriculares e pedagógicas, disponibilizados pelo Ministério da Educação que contribuem para a alfabetização e o letramento, tendo como eixo principal a formação continuada dos professores alfabetizadores.

Os preceitos de alfabetização elencados no PNAIC, detalhado a seguir, além do marco teórico e regulatório que regem o programa e os cadernos que subsidiam a ação formativa, ainda acrescentam-se os pressupostos da consciência fonológica, os quais implicam assumir a escrita alfabética não como um código que simplesmente transpõe graficamente os fonemas, mas, como um sistema de representação escrita dos segmentos sonoros da fala, dessa forma, torna-se necessário propor atividades que permitam ao aluno adquirir consciência fonológica deste sistema.

1.1 Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC

O Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC surge em 2012 como um projeto que tem como principal meta garantir que todas as crianças sejam alfabetizadas até os 8 anos de idade, visto que havia uma enorme lacuna na aprendizagem dessas crianças, as quais chegavam ao quarto ano sem o conhecimento mínimo necessário de leitura e escrita para prosseguimento nos estudos posteriores.

A partir dessa avaliação, dados obtidos comprovaram que 15,2% das crianças chegavam aos oito anos de idade não alfabetizadas, por esse motivo o Ministério da Educação - MEC resolveu lançar esse projeto como forma de sanar o problema num curto período, ou pelo menos minimizar as distorções gritantes apresentadas até aquele momento. Constituindo-se em um pacto entre os governos federal, estadual e municipal a fim de alfabetizar em Português e Matemática, todas as crianças até os oito anos de idades matriculadas no terceiro ano do Ensino Fundamental.

Um dos principais objetivos do programa é apoiar as escolas públicas em diferentes necessidades: formação continuada para professores alfabetizadores (os quais teriam direito a cursos presenciais e bolsas de estudo), distribuição de material didático e pedagógico para alfabetização, jogos educativos, obras literárias, entre outros.

Como mecanismo de avaliação anual do programa surge a Avaliação Nacional de Alfabetização – ANA, cuja finalidade é a identificação e, conseqüentemente, correção das deficiências apresentadas na alfabetização das crianças inseridas na rede pública de ensino.

Já no primeiro ano, em 2013, mais de 2,3 milhões de crianças participaram da ANA, deixando 22 estados com mais da metade das crianças no nível dois – numa escala que iria até o nível quatro. Isso mostra o quão deficiente ainda se encontrava nosso sistema de alfabetização.

Em 2014, segundo ano de aplicação efetiva do programa, conforme o MEC, 77,79% dos alunos brasileiros até os oito anos tinha proficiência considerada adequada em leitura, 65,54% em escrita e 42,93% em matemática. Para o MEC, o parâmetro de proficiência continuava sendo o nível dois.

Um dado relevante está na proficiência da escrita. Numa escala de 1 a 5 temos como referência: nível 1, alunos que não conseguem produzir um texto, entregaram a prova em branco, ou seja, 11,64%; no nível 2, alunos que ainda trocam as letras das palavras e não produzem textos legíveis (15,03%); no nível 3, alunos que escrevem com sílabas canônicas – consoante/vogal -, mas com erros (7,79%); no nível 4, encontram-se os alunos que conectam as partes do texto e conseguem dar continuidade a uma narrativa, porém ainda existem inadequações com erros de pontuação (55,66%) e no nível 5, os alunos que escrevem o esperado para o fim da alfabetização (9,88).

Em se tratando do aspecto leitura, temos os níveis 1: alunos que são capazes de ler palavras, mas não de compreender frases ou textos (22,21%); nível 2: alunos que conseguem localizar informações explícitas em textos curtos (33,96%); nível 3: alunos que inferem sentidos em relações mais complexas, como causa e consequência, (33,63% o); no nível 4: alunos que já dominam relações de tempo verbal e identifica os participantes de um diálogo em entrevista ficcional com (11,2%).

Em 2015, a aplicação da avaliação foi cancelada, o governo alegou problemas financeiros. Observa-se, portanto, que o programa além de ser descontínuo precisa avançar muito para atingir os objetivos para o qual foi criado, melhorando o desempenho de nossas crianças na proficiência de leitura, escrita e matemática.

2 A ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

No processo de alfabetização, deparamo-nos com o problema de compreender se há relação da simbolização entre as letras e os sons. Sabe-se que os grafemas representam os fonemas, contudo a associação nem sempre é fidedigna, visto que muitos grafemas apresentam mais de um fonema e vice-versa.

Para isso, a criança deveria saber que aqueles riscos na folha de papel são símbolos dos sons que produzimos. Contudo, parece não ser tarefa fácil explicar para crianças da alfabetização o conceito de símbolo. O símbolo não retrata com perfeição o ser simbolizado, o mesmo ocorrendo entre grafemas e fonemas.

Para Ferreiro (1991, p.9)

Tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou “prontidão” da criança. Os dois pólos do processo de aprendizagem (quem ensina e quem aprende) têm sido caracterizado sem que leve em conta o terceiro elemento da relação: a natureza do objeto de conhecimento envolvendo esta aprendizagem.

É nessa perspectiva que o ensino da fonologia com um caráter eminentemente descritivo tem contribuído para a aversão desse tema por parte de profissionais que trabalham com a fonologia, assim como de professores alfabetizadores.

O professor dos anos iniciais, repetidas vezes, reage com restrições a alguns textos produzidos por seus alunos, alegando existir o padrão culto de escrita das palavras, no entanto, se a apreensão da consciência fonológica não é tão fácil para os adultos, quiçá para os pequenos e incipientes falantes. Se para as pessoas “letradas” nem sempre é possível associar forma gráfica à sonoridade de certas palavras, imagine isso para a criança nos primeiros anos de vida escolar.

Nos primeiros contatos com a escrita, a criança confunde muito as letras. Segundo Cagliari (2002, p. 97), “Para nós, adultos, qualquer A é A, seja ele escrito como for. Quando a criança começa a aprender a escrever, ninguém lhe diz isso e, muitas vezes, ela fica admirada diante das coisas que a professora (e os adultos) fazem com as letras.”.

Por essa razão, os alunos enfrentam tais dificuldades na aquisição da escrita, as quais ocorrem na realização de tarefas em perceber como a fala pode segmentar o que escutamos em palavras, estas em sílabas e por fim em fonemas, e ainda relacioná-los a uma ou mais letras correspondentes, despertando no aprendiz uma consciência de que, em língua Portuguesa, há algumas diferenças entre a escrita e a fala.

2.1 A aquisição da escrita nos anos iniciais

É notável que a criança, quando vai à escola, já traz a variação linguística com a qual convive desde o nascimento e, por isso, muitas vezes é estigmatizada pela sociedade e/ou por alguns professores. No entanto, cabe à escola o papel de oferecer a possibilidade de inserção dessa criança em outros processos de escrita e em outros contextos sociais.

O sistema sonoro do português brasileiro é composto de sons vocálicos e consonantais, que se diferenciam entre si pela forma de articulação e pelo posicionamento dentro da sílaba.

Para Câmara JR. (1997, p. 34):

A divisão mínima na segunda articulação da língua é a dos sons vocais elementares, que podem ser vogais ou consoantes. A divisão resulta de um processo psíquico da parte de quem fala e quem ouve. Na realidade física a emissão vocal é um contínuo, como assinalam quer os aparelhos acústicos, quer os aparelhos de registro articulatório. Já se trata, pois, de uma primeira abstração intuitiva do espírito humano em face da realidade física.

Essa abstração dificulta o entendimento e a possibilidade de uma explicação mais real. Observa-se, que a aquisição da escrita, assim como sua prática em sala de aula, é artificial e inexpressiva, visto que professores trabalham uma “lista” de palavras soltas e formação de frases sem qualquer contexto comunicativo. O processo da escrita passa a ser mecânico e periférico, centrado nas habilidades motoras, produzir e reproduzir sinais gráficos com o objetivo de memorização pura e simples para que se alcance o padrão da ortografia, sem que para isso haja a consciência da língua.

Diante desse contexto, se faz imprescindível o desenvolvimento da consciência fonológica tanto por parte dos alunos, e principalmente pelos professores alfabetizadores, para que a criança obtenha êxito na aquisição da leitura e da escrita, conhecimentos fundamentais no processo de alfabetização, conforme detalharemos mais adiante.

2.2 O papel do professor no campo fonológico

Nessa árdua tarefa de associar símbolos a sons, o educando, quando não bem orientado, se perde no reconhecimento dos “tracinhos” ou símbolos aos respectivos sons a eles associados. Leva-se algum tempo para que a criança faça essa devida relação que a figura da letra corresponde a um tipo de som da fala.

O modelo ideal do sistema alfabético seria aquele em que houvesse uma correspondência biunívoca – aquela em que cada símbolo corresponde a cada som da fala. No entanto, isso não acontece com tanta precisão no sistema fonético da Língua Portuguesa, mais especificamente no português do Brasil.

Encontramos, no nosso sistema fonético, um grafema que representa dois ou mais fonemas. Do mesmo modo, encontramos um fonema que pode ser representado por grafemas distintos. Vejamos alguns exemplos: O som da vogal [i]: se a vogal [i] está na posição de sílaba tônica, ela será transcrita pela letra *i*, se estiver na sílaba átona final, será representada pelo grafema [e]. Isso ocorre também com a vogal [u]. Nas mesmas estruturas apresentadas anteriormente, ela poderá ser representada pelo grafema [u] ou pelo grafema [o].

Segundo Lemle (1999, p. 20), “O professor deve estar apto a explicar que a posição precisa ser levada em conta para a correspondência entre sons e letras. Assim, ao fim das palavras é a letra [o] que transcreve o som [u], e é a letra *e* que transcreve o som [i]”.

Para a autora, a relação entre os sons da fala e as letras do alfabeto podem ser descritas de três formas:

- ✓ Relação de um para um: cada letra com seu fonema, cada fonema com sua letra;
- ✓ Relações de uma para mais de um, determinadas a partir da posição: cada letra com um fonema numa dada posição;
- ✓ Relações de concorrência: mais de uma letra para o mesmo fonema na mesma posição.

É necessário, portanto, que haja um envolvimento da criança através de atividades que visem à consciência fonológica do aprendiz. Através de jogos como trava-línguas, rimas de nomes, além de outros mecanismos que podem ser usados, aproveitar momentos de descontração das crianças e “brincar” com os sons – músicas, batuque, onomatopéias, mostrando algumas associações e, a partir de então, trabalhar sílabas com as crianças que sentem dificuldade de reconhecer certos sons. O “TR”, o “RR”, o “g” que eles costumam trocar por “j”. Portanto, a conscientização fonológica é o primeiro passo para evitarmos problemas na aquisição de uso da escrita por parte de nossas crianças.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados desse estudo, foram fundamentais os documentos oficiais que fazem parte da Provinha Brasil, na primeira aplicação do ano 2016 (teste 1) através do MEC e seu kit de documentos relativos à avaliação.

3.1 Provinha Brasil

A Provinha Brasil é um instrumento de avaliação das turmas de alfabetização, que delega à escola a responsabilidade de realizar um diagnóstico inicial, chamado Teste 1. A partir dessa avaliação inicial, organizada pelo Ministério da Educação (MEC), espera-se que o professor possa refletir sobre suas práticas e verificar a evolução e necessidades específicas de cada criança na aquisição da leitura e da escrita, esse diagnóstico certamente auxilia o

professor não apenas nas escolhas de suas estratégias de ensino de acordo com o perfil do aluno na sua individualidade, mas também pela turma como um todo.

A avaliação é realizada em dois momentos durante o ano letivo: ao início do segundo ano do Ensino Fundamental e ao final desse mesmo ano letivo. O Teste 1 é aplicado, preferencialmente, até o mês de abril, e o Teste 2, até o final de novembro. Composta de 20 questões, que são lidas pelo aplicador – na íntegra ou em parte - outras são lidas apenas pelos alunos. O ciclo é composto por duas etapas, marcado pela Secretaria de Educação para que todas as suas escolas da rede façam a aplicação dos testes no mesmo período.

3.1.1. Questões da Provinha Brasil 2016 – Teste 1

No teste 1 da Provinha Brasil de Leitura de 2016, aplicado no primeiro semestre com os alunos do 2º ano do ensino fundamental, os números de acertos adotados para a identificação dos níveis de desempenho dos estudantes foram os seguintes:

Nível 1 – até 3 acertos
Nível 2 – de 4 a 9 acertos
Nível 3 – de 10 a 14 acertos
Nível 4 – de 15 a 16 acertos
Nível 5 – de 17 a 20 acertos

No nível 1, os estudantes geralmente já podem:

- diferenciar letras de outros sinais gráficos;
- identificar letra ou sequência de letras do alfabeto lida pelo aplicador.

No nível 2, Os estudantes, além de, provavelmente, já terem consolidado as habilidades do nível anterior, geralmente já podem:

- reconhecer palavras de formação silábica canônica escritas de diferentes formas;
- estabelecer relação entre grafemas e fonemas, identificando, por exemplo, a letra ou a sílaba inicial de uma palavra;
- ler palavras formadas por sílabas canônicas e não canônicas.

No nível 3, Os estudantes que se encontram neste nível, além de, provavelmente, já terem consolidado as habilidades dos níveis anteriores, geralmente já podem:

- identificar o número de sílabas em uma palavra;
- ler frases de sintaxe simples com o apoio de imagens ou ditadas pelo aplicador;
- identificar informação explícita de fácil localização em textos curtos com o apoio da leitura pelo aplicador ou pela leitura individual;
- inferir informações em textos curtos de gêneros usuais, pela leitura individual e com o apoio em linguagem não verbal;
- reconhecer o assunto do texto com o apoio do título ou de conteúdo informacional trivial, com base nas características gráficas do gênero, pela leitura individual ou com o auxílio da leitura pelo aplicador;
- reconhecer a finalidade de textos de gêneros usuais (receita, bilhete, curiosidades, cartaz) com base nas características gráficas desses e na leitura individual.

No nível 4, Os estudantes que se encontram neste nível, além de, provavelmente, já terem consolidado as habilidades dos níveis anteriores, geralmente já podem:

- identificar informação explícita não trivial em textos curtos ou médios, com o apoio da leitura pelo aplicador ou com base em leitura individual;
- reconhecer a finalidade de um texto a partir de leitura individual, sem o apoio das características gráficas do gênero ou explorando seu conteúdo informacional;
- reconhecer o assunto de textos curtos e médios lidos individualmente sem o apoio das características gráficas do gênero;
- inferir informações não triviais em textos curtos pela leitura individual e apoio nas características do gênero;

- relacionar um nome a seu referente anterior em textos curtos e médios.

No nível 5, Os estudantes que se encontram neste nível, além de, provavelmente, já terem consolidado as habilidades dos níveis anteriores, geralmente já podem:

- reconhecer o assunto de um texto longo com base no título, a partir de leitura individual;
- reconhecer o assunto de textos médios por meio de inferências com forte base no conteúdo informacional, a partir de leitura individual;
- identificar informação explícita não trivial, por vezes secundária, em um texto curto ou médio, com base em leitura individual;
- inferir informação não trivial em textos médios com base em leitura individual ou com o apoio de leitura pelo aplicador;
- reconhecer a finalidade de um texto de construção complexa lido silenciosamente com o apoio de suporte.

A partir do resultado obtido mediante aplicação da Provinha Brasil na turma do 2º ano A, de uma escola do município de Santa Rita, podemos verificar que dos 17 alunos que realizaram a provinha, 15 se encontram no nível 3, conforme quadro a seguir.

PROVINHA BRASIL 2016

GUIA DE APRESENTAÇÃO, CORREÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS 2016 - TESTE 1 45

ANEXOS

FICHA DE CORREÇÃO - LEITURA

Escola: Paulo Freyre Rodrigues de Lima

Turma: 2º ano A Data: 02/06/16

Nome do(a) professor(a): Márcia Rodrigues Sinto Lopes

Nome	QUESTÕES E GABARITOS																				Total de Acertos por Estudante Teste 1	Nível por Estudante Teste 1
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
	(D)	(C)	(A)	(B)	(C)	(B)	(A)	(C)	(D)	(B)	(A)	(B)	(C)	(D)	(B)	(C)	(B)	(C)	(B)	(B)		
André de Melo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Amanda Gonçalves	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Ana Beatriz Augusto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Alana da Silva	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Arquillo de Silva	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Adriana Silva	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Luiz Otávio Soares	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Adriano de Oliveira	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Alana Cabral	A U S E N T E																					
Amílcar de Araújo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Luiz Roberto de Silva	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Alana de Brito	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Valéria	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Alana Roberto de Silva	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Luiz Roberto de Silva	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Alana de Brito	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Renan Alvim	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
Taynara Carvalho	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		

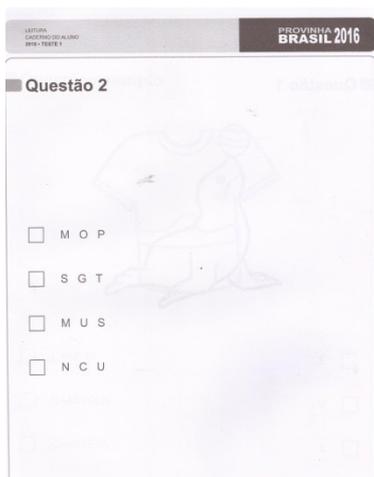
MÉDIA DA TURMA TESTE 1 44,4

Verificando a quantidade de acertos dos alunos, percebemos que a maioria acertou as questões 1; 2; 3; 4; 5 e 7 da prova, os quais demonstram capacidades de reconhecer unidades fonológicas como letras, sílabas, e palavras. Segundo Lemle (2000) a criança precisa ser capaz de entender que cada um dos “risquinhos” equivale a um símbolo de um som da fala. A partir dessa consciência, podem-se discriminar as formas das letras, sendo esta, a primeira capacidade fonológica adquirida para alfabetização, compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala.

Na questão 1, o aluno deve marcar com um X no quadradinho em que aparece a letra inicial do nome do animal.

Na questão 2, o aluno deve fazer um X no quadradinho que mostra as letras M, U, S.

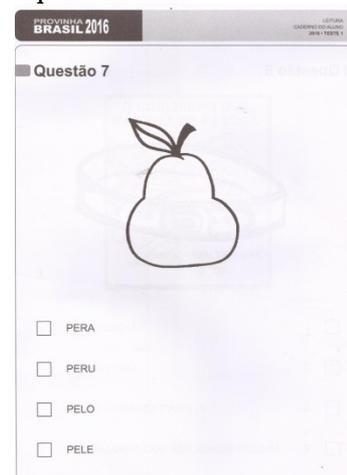
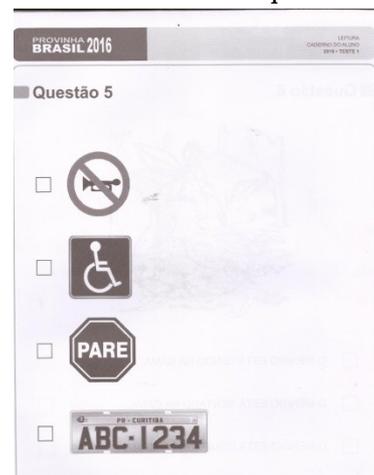
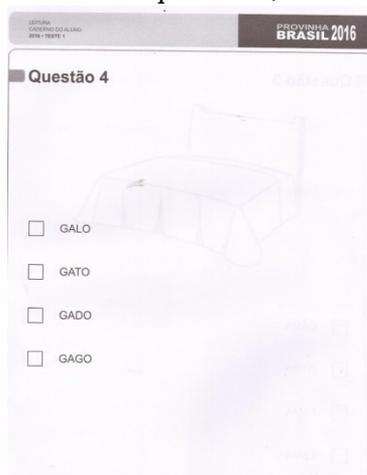
Na questão 3, o aluno deve marcar um X no quadradinho em que está escrito o nome da figura.



Na questão 4, o aluno deve fazer um X no quadradinho em que está escrita a palavra GATO.

Na questão 5, o aluno deve marcar com um X o quadradinho da placa que apresenta apenas letras.

Na questão 7, o aluno deve fazer um X no quadradinho que mostra o nome dessa fruta.



Apesar dos resultados apresentarem que a maioria dos alunos se encontra no nível 3, alguns ainda não conseguem localizar informações, as quais, de acordo com o nível em que os discentes se apresentam, deveriam ter as seguintes habilidades de acordo com o indicado pela Provinha Brasil.

- identificar informação explícita de fácil localização em textos curtos com o apoio da leitura pelo aplicador ou pela leitura individual;
- inferir informações em textos curtos de gêneros usuais, pela leitura individual e com o apoio em linguagem não verbal;
- reconhecer o assunto do texto com o apoio do título ou de conteúdo informacional trivial, com base nas características gráficas do gênero, pela leitura individual ou com o auxílio da leitura pelo aplicador;
- reconhecer a finalidade de textos de gêneros usuais (receita, bilhete, curiosidades, cartaz) com base nas características gráficas desses e na leitura individual.

Diante dos resultados, constata-se que as crianças já adquiriram o princípio alfabético, no entanto, necessitam ainda consolidar alguns aspectos, como aqueles relacionados às regras ortográficas do sistema de escrita. Verificamos ainda que, a partir dos resultados da avaliação, ainda falta à progressão quanto ao aspecto da função e uso da escrita, ou seja, quanto ao

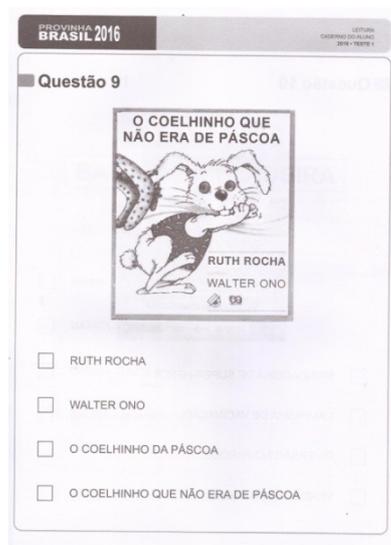
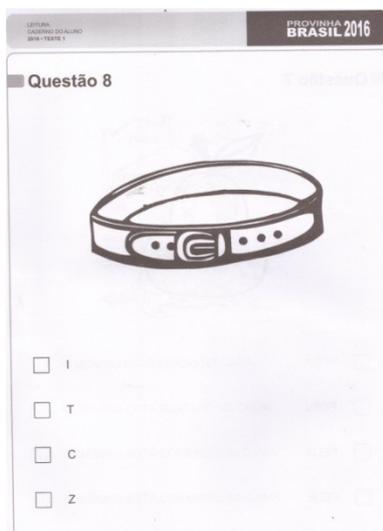
letramento inicial. Porém, percebemos o domínio do sistema de escrita alfabético, precisando avançar em capacidades relacionadas às regras ortográficas.

Nas questões que requerem capacidades relativas à compreensão e à produção de sentido, tais como habilidades de localizar informações explícitas em frases ou textos, reconhecer o assunto de um texto, finalidades dos textos, realizar inferências e estabelecer relações entre partes do texto, observamos poucos acertos pelos alunos conforme podemos perceber nas questões a seguir e no quadro com os resultados dos alunos.

Na questão 8, Veja a figura. Faça um X no quadradinho em que está escrita a letra inicial da palavra CINTO. Nessa questão, a opção pela letra correta, segundo Lemle (2000) em termos puramente fonológicos, percebemos a arbitrariedade do sistema, quando mais de uma letra pode, na mesma posição, representar o mesmo som. Para explicar esse aspecto fonológico, a autora dá exemplos de informações da história da Língua.

Antigamente, nossa língua era bem diferente da que nós falamos hoje. Ela era falada na Itália, e chama-se latim. Em latim, os sons do [c] de cinco e do [s] de sino eram iguais, e por isso essas palavras eram escritas com letras diferentes. Com a passagem de muitas gerações de falantes, as pessoas alteraram a pronúncia das palavras, e o som. (2000, p.32)

Na questão 9, Leia o texto. Quando todos terminarem de ler, eu vou dizer o que é para fazer. Faça um X no quadradinho que mostra o nome do título do livro.



Na questão 10, Observe o cartaz. Marque um X no quadradinho que mostra o assunto desse texto.

Na questão 20, Leia o texto silenciosamente. Quando todos terminarem de ler, eu vou dizer o que é para fazer. Faça um X no quadradinho que indica qual é o assunto do texto.

LEITURA
CADERNO DO ALUNO
2016 - TESTE 1

PROVINHA
BRASIL 2016

Questão 10



BRINCADEIRA DE SUPER-HERÓI.

CAMPANHA DE VACINAÇÃO.

DIVERSÃO NO PARQUE.

VENDA DE FANTASIAS.

LEITURA
CADERNO DO ALUNO
2016 - TESTE 1

PROVINHA
BRASIL 2016

Questão 20

ASSIM COMO OS LOBOS, DE QUEM SÃO DESCENDENTES, OS CÃES SE COMUNICAM PELA VOZ. CADA LATIDO É UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO E EXISTEM LATIDOS PARA MEDO, RAIVA, FOME, PAQUERA E MUITO MAIS. OUTRA FORMA DE COMUNICAÇÃO É O XIXI! OS CACHORROS DEIXAM A MARCA EM POSTES E ÁRVORES PARA QUE OUTROS CÃES SINTAM O CHEIRO E SAIBAM QUE O LUGAR TEM DONO.

O CÃO E SUA DESCENDÊNCIA DO LOBO.

A FORMA DE COMUNICAÇÃO ENTRE OS CÃES.

O XIXI COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO.

A MARCA DOS CÃES EM POSTES E ÁRVORES.

No processo de alfabetização, é fundamental ensinar o aluno a decifrar a escrita e, em seguida, a aplicar esse conhecimento para a sua produção escrita. Nas questões 9, 10 e 20 as quais requer dos alunos a decifração da escrita, a partir do número de erros na tentativa de responder as mesmas, percebe-se que essa competência não fora desenvolvida nos alunos. Sobre esse aspecto Cagliari (2002) afirma que:

O processo de decifração pressupõe não só tudo o que se disse a respeito da escrita: o que é, para que serve, como funciona, o que é ortografia etc., como também exige que o leitor, feita a análise da escrita, remeta isso para o cérebro, a fim de proceder então à programação neurolinguística que irá pôr em funcionamento os mecanismos de produção da fala correspondente; assim, o leitor poderá compreender o texto programado. [...] (2002, p.159)

Dessa forma, deve-se conhecer a categorização gráfica e funcional das letras para decifração da linguagem, ou seja, a relação entre letra e fonema, conhecer a ortografia e saber como ela atua na linguagem, ou seja, a escrita tem como objetivo primeiro, permitir a leitura. Podemos concluir que para que essas competências sejam alcançadas de maneira satisfatória, será necessário um ensino intensivo no processo de decifração.

4 CONSIDERAÇÕES

Na análise dos dados coletados, foi possível verificar que o bom desempenho em leitura e escrita depende do desempenho em consciência fonológica. Além disso, verificamos que a capacidade de ler com fluência e escrever bem, seria consequência da capacidade de analisar fonologicamente em seu nível mais complexo: o nível da consciência fonológica.

REFERÊNCIA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Kit da Provinha Brasil. Brasília: MEC, 2016.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2002.

CÂMARA JR, Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1991

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2000.